



CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

Trump quer EUA no comando de Gaza

Durante reunião com o premiê de Israel, o republicano defende a realocação permanente de palestinos em outros países, afirmando que desenvolverá o território. Hamas afirma que declaração é “uma receita para criar caos e tensão na região”

Num momento em que se negocia a segunda fase do cessar-fogo entre Israel e Hamas, uma declaração do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, incendiou os ânimos do movimento radical islamista. Ao receber o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, na Casa Branca, o líder norte-americano defendeu a realocação permanente da população da Faixa de Gaza, afirmando que os palestinos “adorariam” deixar o enclave e ir viver em outro lugar se lhes fosse dada a opção. “Eles não têm alternativa, é muito perigoso.”

Mais tarde, em entrevista, Trump disse que os Estados Unidos vão assumir o controle de Gaza, devastada pela guerra. “Seremos os donos dela e seremos responsáveis pelo desmantelamento de todas as perigosas bombas não detonadas e outras armas nesse lugar”. Segundo ele, Washington vai “nivelar o lugar e se desfazer dos edifícios destruídos” para desenvolver economicamente o território.

Sentado ao lado do americano, no Salão Oval, o premiê — primeiro governante estrangeiro recebido pelo magnata republicano neste segundo mandato — não fez qualquer comentário. Segundo Trump, os palestinos vivem “como se estivessem no inferno”. “Não acho que as pessoas deveriam voltar para Gaza. Acho que Gaza tem sido um lugar de má sorte para elas. Não é um lugar para as pessoas viverem”, assinalou.

O chefe da Casa Branca destacou que há interessados em participar desse projeto de realocação, sem citar nomes ou detalhes. “Espero que possamos fazer algo para que eles não queiram voltar. Não experimentaram nada além de morte e destruição”, acrescentou o norte-americano, que assinou um decreto que prolonga a suspensão de todo financiamento americano para refugiados palestinos.

Recentemente, Donald Trump havia causado polémica ao propor “limpar” a Faixa de Gaza e transferir seus habitantes para locais “mais seguros”, como Egito e Jordânia, que se opuseram à proposta. “Quando o presidente fala em limpar (a Faixa de Gaza), ele quer dizer

torná-la habitável”, explicou, ontem, o enviado especial de Trump ao Oriente Médio, Steve Witkoff.

Reação

A declaração de Trump foi repudiada pelo movimento islamista. O comandante Sami Abu Zuhri afirmou que a iniciativa só dificulta a situação. “Consideramos isso uma receita para criar caos e tensão na região. Nosso povo na Faixa de Gaza não permitirá que esses planos sejam aprovados”, enfatizou, em um comunicado. “O que é necessário é o fim da ocupação e a agressão contra nosso povo, não sua expulsão de sua terra”, frisou.

Antes da reunião na Casa Branca, o gabinete de Netanyahu anunciou que enviará “no fim da semana” uma delegação ao Catar para discutir as próximas fases do cessar-fogo em vigor em Gaza desde 19 de janeiro. O Hamas, por sua vez, havia declarado o início das negociações com Israel sobre a nova etapa da trégua em Gaza, um diálogo celebrado graças aos mediadores.

O acordo de trégua permitiu a interrupção de mais de 15 meses de uma guerra devastadora em Gaza, com a libertação de vários reféns israelenses em troca da libertação de centenas de prisioneiros palestinos.

O pacto contempla três fases. A inicial, de seis semanas, também serve para negociar os detalhes da segunda, que deve incluir a libertação dos demais reféns ainda vivos e o fim definitivo da guerra. O conflito começou em 7 de outubro de 2023 com o ataque surpresa do Hamas contra o sul de Israel. Na ofensiva, os extremistas sequestraram 251 pessoas. Dessas, 76 permanecem retidas em Gaza, mas o Exército israelense considera que 34 morreram em cativeiro. Quando a primeira fase da trégua acabar, o Hamas ainda terá quase 50 reféns, entre vivos e mortos.

Antes de embarcar para Washington, Netanyahu afirmou que, “trabalhando estreitamente” com Trump, seria possível “redesenhar ainda mais” o mapa do Oriente Médio. O chefe da Casa Branca disse não haver garantias sobre a segunda fase da trégua.



O presidente norte-americano com Benjamin Netanyahu, o primeiro governante estrangeiro recebido na Casa Branca no novo mandato

Começa a deportação para Guantánamo

Menos de uma semana após a decisão do presidente Donald Trump, os Estados Unidos começaram, ontem, a transferir imigrantes ilegais detidos para a base militar norte-americana de Guantánamo, em Cuba. “Os primeiros voos estão em curso”, declarou a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, à Fox Business. Ela não deu informações de quantas pessoas estavam a bordo das aeronaves.

Pouco depois, Donald Trump assinou um decreto que retira o país do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas e pediu uma revisão do financiamento para a organização multilateral.

Quando Trump anunciou que enviaria deportados para Guantánamo, uma das reações mais enfáticas partiu da ONU. Na ocasião, o porta-voz do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Jeremy Laurence, enfatizou que é “fundamental respeitar a dignidade e os direitos de todos os indivíduos, independentemente de sua situação migratória, e garantir que eles sejam tratados de acordo com as normas internacionais de direitos humanos”.

Trump ordenou a construção de um campo de detenção na Baía de Guantánamo para abrigar até 30 mil “estrangeiros criminosos ilegalmente presentes”

em solo norte-americano. O centro está sendo construído na instalação militar dos EUA na ponta sudeste do território cubano, usada para deter pessoas suspeitas de terrorismo desde os ataques de 11 de setembro de 2001. Segundo o jornal *The New York Times*, os imigrantes e os presos acusados de terrorismo estão em áreas distintas do centro de detenção.

A transferência ocorre em meio a um debate sobre a legalidade da ação. Luis Cortés Romero, especialista em litígios sobre direitos humanos de imigrantes e refugiados, diz que “serão apresentados recursos de habeas corpus para impugnar a legalidade

da detenção por falta de acesso ao devido processo e detenção prolongada sem audiência”.

Caso essa política seja direcionada aos imigrantes latino-americanos, segundo ele, “os recursos legais poderiam argumentar que constitui discriminação, violando” a Constituição dos EUA.

Para Bill Frelick, diretor da Divisão de Direitos dos Refugiados e Migrantes da Human Rights Watch, Guantánamo é “uma instalação militar americana isolada e altamente controlada no estrangeiro” que as autoridades americanas “utilizaram para evitar as proteções legais e o escrutínio público”.

SUÉCIA

O pior atentado a tiros da história

A polícia sueca investiga a motivação do que já está sendo considerado o mais grave atentado a tiros ocorrido no país. Segundo as autoridades, 10 pessoas morreram, entre elas o autor dos disparos, na investida contra o Campus Risbergiska, um centro de ensino para adultos em Örebro, na cidade de Örebro, 200km a oeste da capital, Estocolmo. “É o pior ataque a tiros em massa da história da Suécia”, lamentou o primeiro-ministro Ulf Kristersson.

Segundo o premiê, restam “muitas perguntas a responder”. Ele instou a população a não “especular” sobre o ataque. De acordo com a mídia sueca, o atirador é um homem de 35 anos, sem antecedentes criminais e autorizado a portar armas. Inicialmente,

não se cogita que tenha sido um ato de terrorismo.

O chefe da polícia de Örebro, Roberto Eid Forest, reportou que “uma dezena de pessoas morreu”, sem revelar quantas pessoas ficaram feridas. “O autor não é conhecido da polícia e não tem vínculos com nenhum grupo”, assinalou.

Ação solitária

Os investigadores, a princípio, acreditam que tenha sido uma ação solitária. Mas levam em conta todos os cenários. “Não podemos descartar outros suspeitos, e isso é algo em que continuamos trabalhando nessa fase intensiva: por que ocorreu e se há outros possíveis suspeitos”, observou Eid Forest.

Conforme informações divulgadas pela emissora de televisão TV4, a residência do suposto autor do ataque foi revistada, ontem mesmo. Não foi revelado o que os policiais encontraram. As autoridades não forneceram nenhum dado sobre o perfil do atirador ou suas motivações. Tampouco deram detalhes sobre a identidade ou a idade dos mortos, nem mesmo se eram alunos ou professores do centro.

Ataques em centros de ensino são pouco frequentes na Suécia. Entretanto, nos últimos anos, o país foi cenário de tiroteios e ofensivas vinculados à violência das gangues, que deixam uma dezena de mortos ao ano. Em março de 2022, um estudante de 18 anos matou

a fachadas dois professores em uma escola de ensino médio na cidade de Malmö (sul).

Imagens feitas no Campus Risbergiska mostraram um forte contingente policial com ambulâncias e veículos de emergência. Os estudantes das escolas próximas e do centro de ensino em questão foram confinados “por razões de segurança”, ressaltou a polícia.

“Ouvi tiros, então me escondi e estou esperando notícias. Ativamos um alarme no aplicativo de segurança e estou me comunicando com meus colegas”, disse Petter Kraffling, professor de uma das escolas, ao site do sindicato de professores sueco “Vi larare”.

“Meu filho está em sua escola. Os estudantes estão trancados. Tiveram que se esconder, então,



Policiais e socorristas no Campus Risbergiska, em Örebro: 10 mortos

estou aguardando que sejam evacuados”, disse Cia Sandell, de 42 anos, à agência de notícias France Presse (AFP). “É uma loucura, uma loucura total. Eu me sinto abalada e irritada. Isso não deveria acontecer”, acrescentou.

O rei Carl XVI Gustaf disse ter recebido a notícia do ataque com “tristeza e consternação”. O monarca enviou uma mensagem de condolências aos familiares dos mortos, informou o palácio real em um comunicado.